



EJA

CANAL SEDUC-PI5



PROFESSOR (A):

**ADEILDO
ALVES**



DISCIPLINA:

ARTE



AULA Nº:

04



CONTEÚDO:

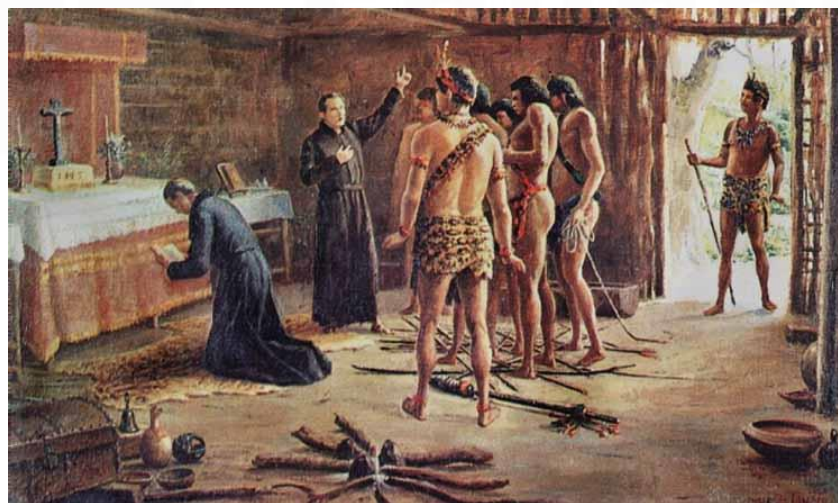
**TEATRO
BRASILEIRO E
PIAUIENSE**



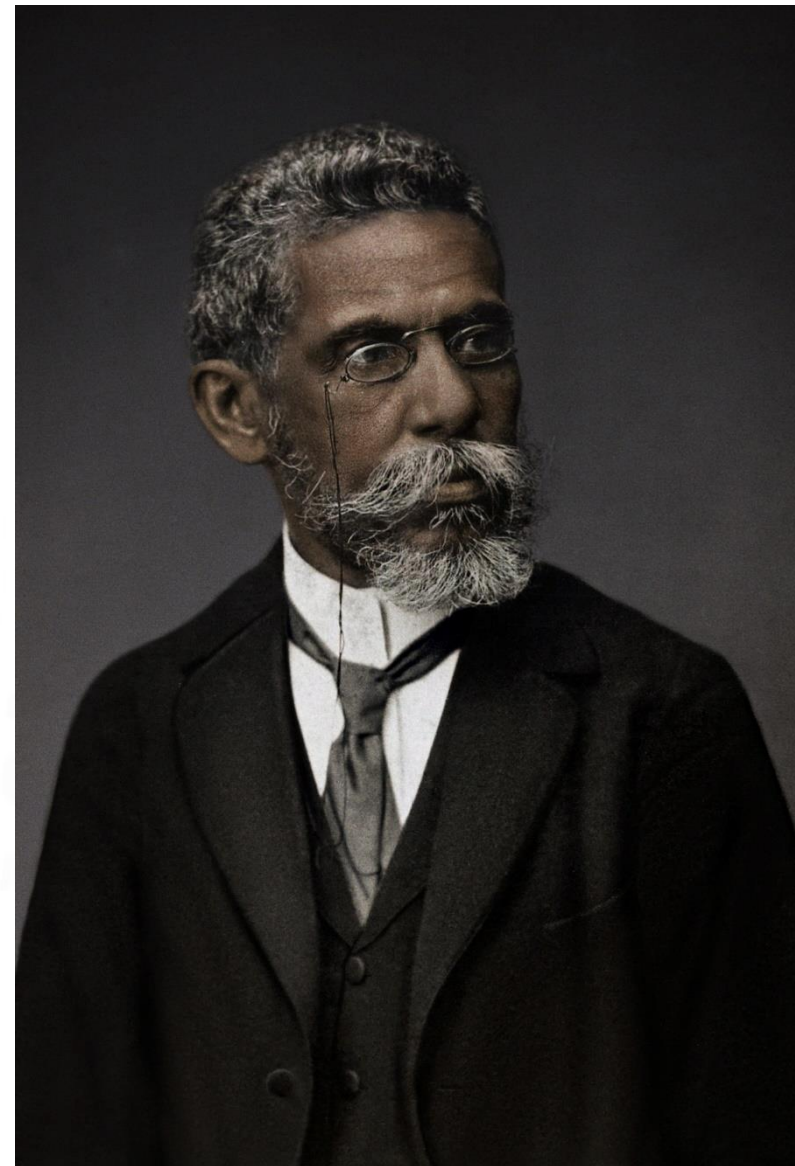
DATA:

29/09/2020

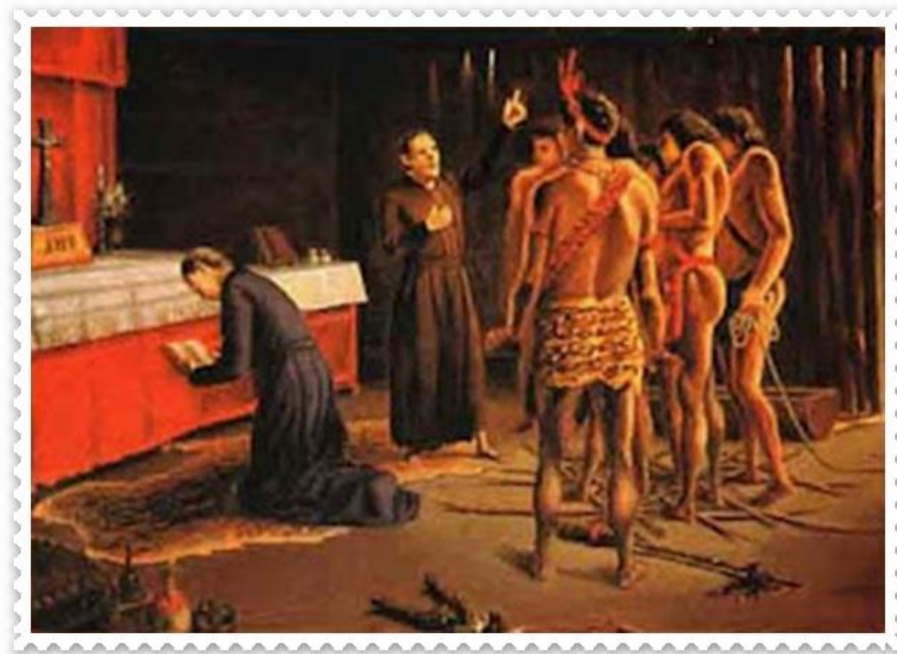
O teatro brasileiro surgiu quando Portugal começou a fazer do Brasil sua colônia (Século XVI). Os Jesuítas, com o intuito de catequizar os índios, trouxeram não só a nova religião católica, mas também uma cultura diferente, em que se incluía a literatura e o teatro. Aliada aos rituais festivos e danças indígenas, a primeira forma de teatro que os brasileiros conheceram foi a dos portugueses, que tinha um caráter pedagógico baseado na Bíblia. Nessa época, o maior responsável pelo ensinamento do teatro, bem como pela autoria das peças, foi Padre Anchieta



O teatro realmente nacional só veio se estabilizar em meados do século XIX, quando o Romantismo teve seu início. Martins Pena foi um dos responsáveis pôr isso, através de suas comédias de costumes. Outros nomes de destaque da época foram: o dramaturgo Artur Azevedo, o ator e empresário teatral João Caetano e, na literatura, o escritor Machado de Assis



As primeiras peças foram, então, escritas pelos Jesuítas, que se utilizavam de elementos da cultura indígena (a começar pelo caráter de "sagrado" que o índio já tinha absorvido em sua cultura), até porque era preciso "tocar" o índio, falando de coisas que ele conhecia. Misturados a esses elementos, estavam os dogmas da Igreja Católica, para que o objetivo da Companhia - a catequese - não se perdesse.



Foi somente na segunda metade do século XVIII que as peças teatrais passaram a ser apresentadas com uma certa frequência. Palcos (tablados) montados em praças públicas eram os locais das representações. Assim como as igrejas e, pôr vezes, o palácio de um ou outro governante. Nessa época, era forte a característica educacional do teatro. E uma atividade tão instrutiva acabou pôr merecer ser presenteada com locais fixos para as peças: as chamadas Casas da Ópera ou Casas da Comédia, que começaram a se espalhar pelo país.



De 1937 a 1945, a ditadura procura silenciar o teatro, mas a ideologia populista, através do teatro de revista, mantém-se ativa. Surgem as primeiras companhias estáveis do país, com nomes como: Procópio Ferreira, Jaime Costa, Dulcina de Moraes, Odilon Azevedo, Eva Tudor, entre outros.

Uma nova ideologia começava a surgir, juntamente com um dos maiores patrimônios do teatro brasileiro: Oswald de Andrade, que escreveu *O Rei da Vela* (1933), *O Homem e o Cavalo* (1934) e *A Morta* (1937), enfrentando desinibido e corajoso, a sufocante ditadura de Getúlio Vargas.



Já em 64 com o Golpe Militar, as dificuldades aumentam para diretores e atores de teatro. A censura chega avassaladora, fazendo com que muitos artistas tenham de abandonar os palcos e exilar-se em outros países.

Restava às futuras gerações manterem vivas as raízes já fixadas, e dar um novo rumo ao mais novo estilo de teatro que estaria pôr surgir.

"...São infundáveis as tendências do teatro contemporâneo. Há uma permanência do realismo e paralelamente uma contestação do mesmo. As tendências muitas vezes são opostas, mas freqüentemente se incorporam umas as outras..." (Fernando Peixoto – O que é teatro)



TEATRO DE ARENA

Teatro de Arena (1953). O Teatro de Arena ganhou força ao se fundir com o Teatro Paulista dos Estudantes e ao contratar Augusto Boal para dar aulas sobre Stanislavski. Se nos primeiros anos as encenações se baseavam em textos de autores estrangeiros, a partir de 1958 começam a ser montadas peças escritas por integrantes do grupo. Influenciado pelo teatro político de Bertolt Brecht, segundo o qual o texto deveria ser um processo aberto capaz de servir à ideia do autor do espetáculo, o Arena dessacralizou a escrita dramática. No início da década de 1960, José Renato, que tinha dirigido as primeiras produções, deixou o Arena para dirigir o Teatro Nacional de Comédia. Augusto Boal e Gianfrancesco Guarnieri, à frente do grupo no momento do golpe militar, precisaram elaborar uma estratégia para enfrentar a censura, já que as peças realistas que o grupo costumava montar haviam sido proibidas.

O **Teatro Oficina** é considerado, pelo Estado, pela classe artística e pelo público de teatro, um patrimônio cultural Brasileiro, por sua capacidade de autotransformação e resistência às constantes mudanças sociocultural e política deste país, desta forma contribuindo para uma sociedade mais justa.

Foi em São Paulo, na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, que o Grupo Oficina se organizou, em 1958, para começar a trilhar um caminho de fomento às artes de uma forma geral, pois em sua trajetória até os dias atuais possui em seu vasto currículo trabalhos de teatro, cinema, televisão, música, cursos, seminários, debates, festas, comerciais, jornais, livros, comícios e passeatas.



Carmem Carvalho e a contribuição para o teatro piauiense



A atriz e produtora Carmem Carvalho é natural de Teresina e radicada em Parnaíba. Formada em Artes Visuais na Universidade Federal do Piauí, ela atua como professora, inserindo o teatro também no ambiente escolar. São mais de vinte anos de dedicação ao teatro e o currículo extenso da atriz só confirma a vasta experiência nos palcos. Carmem Carvalho já apresentou peças como “A menina e o barquinho” (1994), “Uma estrela” (1998), “Traquinagem” (2005), “A saga do criador de bode” (2005), “O marinheiro” (2006), “Branca de Neve e os setecentos anões” (2007), “A incrível pedra fina” (2007), entre outros. A atriz já participou de inúmeros festivais de teatro dentro e fora do Piauí, apresentou em várias cidades piauienses, ministrou diversas oficinas ao longo da sua trajetória nas artes cênicas e trabalha na promoção do “Troféu – Os melhores do ano do teatro piauiense”. Carmem Carvalho foi idealizadora do Festival de Monólogos Atriz Ana Maria Rego e do Baile de Artistas de Teresina, ela está tão entrelaçada ao teatro piauiense que é seu nome se mistura a essa história. Para a atriz o teatro é feito de pontes e por isso é uma arte tão envolvente.

“O teatro representa uma ponte entre a dramaturgia, eu e as pessoas. Essa ponte une o invisível ao visível.” Carmem Carvalho

